

A PRAÇA DA TERRA FIRME: LUGAR DE ENCONTROS E DESENCONTROS

THE SQUARE OF “TERRA FIRME”: SPACE OF ENCOUNTERS AND DISCOUNTS

LA PLAZA DEL “TERRA FIRME”: LUGAR DE ENCUENTROS Y DESENCUENTROS

José Francisco dos Santos Batista

Geógrafo e Especialista em Educação
em Direitos Humanos e Diversidade

Coletivo de Comunicação Popular TELA FIRME

mfo@ufpa.br

<https://orcid.org/0000-0001-5995-3568>

Milton Ribeiro

Doutorando

Programa de Pós-Graduação
em Sociologia e Antropologia

Universidade Federal do Pará

Docente da Universidade do Estado do Pará

millor_ufpa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7275-7614>

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender o papel da praça da Terra Firme como espaço público, como lugar de *encontros e desencontros*, inserida em uma realidade de um bairro da periferia de Belém do Pará. Nesse sentido, foi realizado um estudo bibliográfico, entrevistas e trabalho de campo na tentativa de descrever o lugar, os eventos e os discursos sobre este espaço de circulação. A praça, além do lugar de sociabilidade, de lazer, é também palco de várias manifestações políticas, em especial das lutas por melhoria da qualidade de vida e o combate ao extermínio da juventude periférica do bairro.

Palavras-chaves: lugar, espaço público, praça.

Abstract: This article aims to understand the role of the Terra Firme square as a public space, as a place for meetings and mismatches, inserted in a reality of a neighborhood on the outskirts of Belém do Pará. In this sense, a bibliographic study, interviews and field work were carried out in an attempt to describe the place, the events and the speeches about this space of circulation. The square, besides the place of sociability, of leisure, is also the stage of several political manifestations, especially the struggles for the improvement of the quality of life and the fight against the extermination of the neighborhood's peripheral youth.

Keywords: place, public space, square.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo entender el papel de la plaza de Terra Firme como espacio público, como lugar de encuentros y desencuentros, inserto en una realidad de un barrio de la periferia de Belém do Pará. En este sentido, se realizó un estudio bibliográfico, entrevistas y trabajo de

campo para intentar describir el lugar, los acontecimientos y los discursos sobre este espacio de circulación. La plaza, además del lugar de la sociabilidad, del ocio, es también escenario de varias manifestaciones políticas, especialmente de las luchas por la mejora de la calidad de vida y la lucha contra el exterminio de la juventud periférica del barrio.

Palabras clave: lugar, espacio público, plaza.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um produto do Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos e Diversidade (EDHDI), do Instituto de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Como objetivo principal, este estudo visa compreender o papel da praça da Terra Firme como espaço público, como lugar de encontros e desencontros, localizado no bairro da Terra Firme, periferia de Belém do Pará, e considerado como um palco de reivindicação de direitos fundamentais para as/os moradoras/es.

A metodologia escolhida para este trabalho envolveu um estudo bibliográfico, pesquisa de campo e entrevistas abertas com interlocutores na praça. As observações da dinâmica de funcionamento da praça estão muito relacionadas com as ações que participei, em especial das ações de caráter reivindicatório e na luta em defesa da vida, como os atos contra o extermínio de jovens. Esse tipo de pesquisa exige implicam engajamento dos pesquisadores nas rotinas urbanas de pessoas, grupos e acontecimentos ora banais, ora extraordinários, ora públicos ou mais privados ao mundo doméstico (ROCHA; ECKERT, 2010 e ROCHA; ECKERT, 2016).

A escolha da praça como objeto de estudo representa uma síntese das diversas reflexões e temas abordados durante o curso de especialização, pois não se trata de qualquer praça, mas de um lugar recheado de simbolismo e significados para a comunidade local. Assim, a praça da Terra Firme é vista como palco da cotidianidade de quem aprecia a arte e a cultura; é lugar de geração de renda, e dos sujeitos que testemunham ou participam de diversificadas manifestações organizadas para reivindicar direitos básicos.

A praça em questão é a Olavo Bilac, no bairro da Terra Firme, popularmente conhecida como “praça da Terra Firme”, “praça da igreja”, ou simplesmente “a praça”. A forma de tratamento desse espaço público revela um olhar significativo do lugar junto à

comunidade local: um lugar integrado ao cotidiano, uma referência importante de espacialidade.

O presente trabalho estrutura-se a partir dos seguintes tópicos: 1) Produção do espaço urbano de Belém: a ocupação das áreas de baixada; 2) Bairro da Terra Firme: ocupação e resistência; e 3) Praça da Terra Firme: lugar de vivências, convivências, encontros e desencontros.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BELÉM: A OCUPAÇÃO DAS ÁREAS DE BAIXADA

O início da ocupação de Belém ocorreu no século XVII para atender a necessidade da metrópole portuguesa, no sentido de acumular riquezas, no contexto mercantilista. A cidade surge à margem direita da desembocadura do Rio Guamá, em um fragmento de terra com 7 e 8 metros de altura, e foi no entorno do forte que se deu início à produção do espaço urbano da capital do Pará (PENTEADO, 1968).

Belém foi crescendo, em princípio, na direção sul (orla do Rio Guamá) e, conseqüentemente, ocorreu a abertura das primeiras ruas. Posteriormente, o crescimento urbano foi acompanhando o litoral ao longo da baía do Guajará, ou seja, para o norte (TRINDADE JR., 1997).

Mas o crescimento da cidade foi interrompido por conta do igarapé Pirí e, devido ao obstáculo, Belém teve que redefinir seu crescimento. Uma das medidas adotadas foi aterrar as baixadas e igarapés da atual área central; ao mesmo tempo em que se mantinha a tendência de se evitar a ocupação das áreas alagadas ou alagáveis mais distantes (FERREIRA, 1995).

Essa situação perdurou até meados do século XX, quando estas baixadas mais distantes começaram a ser intensamente ocupadas; o que se deveu à realização de obras de intervenção urbana, tal como o dique da Estrada Nova, atual Avenida Bernardo Sayão, (FERREIRA, 1995).

Imagem 1: Fases da ocupação do município de Belém



Fonte: http://geocartografiadigital.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html

No século XX, precisamente nas décadas de 1920 e 1930, Belém caracterizou-se pela espacialização industrial no bairro do Reduto, em área de baixada gradativamente saneada, enquanto que os demais espaços urbanos continuavam com a predominância de áreas residenciais e de atividades agropastoris (TRINDADE JR., 1997; FERREIRA, 1995).

Nas baixadas da parte sul da cidade, pelos lados do Rio Guamá, mantinham suas atividades agrícolas e eram pouco povoadas, sendo que as baixadas da bacia do Tucunduba, que abrange o bairro da Terra Firme, ficaram isentas do processo mais intenso de ocupação até um determinado momento. Entretanto, na década de 1940, houve a apropriação de uma grande extensão de terras por instituições públicas civis e militares, conhecido como *cinturão institucional*. Essa apropriação, situada nas mediações dos limites da Primeira Légua Patrimonial de Belém, no atual bairro do Marco, passou a ser um obstáculo contínuo à expansão da malha urbana de Belém no que diz respeito à área central.

No período que vai até o final da década de 1960, as baixadas de Belém como um todo eram espaços pouco ocupados, e desde o início do século XVII, destinados a atividades

agropastoris, inclusive as chamadas *vacarias* que produziam o leite *in natura* e conheceram sua maior expansão durante os séculos XIX e XX.

No período acima mencionado, a cidade vivia um dinamismo urbano mais intenso, devido a economia da borracha, com uma série de intervenções urbanísticas nos terrenos de cotas mais altas da área central, diferentemente que ocorria nas baixadas, onde permaneciam as atividades agropastoris (TRINDADE JR., 1997).

A partir da década de 1950, com a implantação do Plano de Integração Nacional (PIN) e com a construção da Belém-Brasília (BR-010) e de outras rodovias, que passaram a interligar a Amazônia a outras regiões do Brasil, tem-se o advento de uma realidade regional que influenciou significativamente na estrutura urbana belenense (TRINDADE JR., 1997).

Com isso, ocorreu uma intensa entrada de produtos industrializados oriundos do centro-sul do país e o deslocamento da produção de leite *in natura* para outros municípios do Pará, o que fez a produção de leite local estagnar, nas chamadas *vacarias*, pois a medida em que o leite industrializado ganhava o mercado, as *vacarias* foram sumindo e, em seus lugares, surgiram espaços vazios.

Esses espaços, correspondentes a terrenos de baixadas, onde hoje é a Terra Firme, por exemplo, que ficavam localizados próximo da área central, passaram a ser ocupados novamente, com mais intensidade, a partir da década de 1970, em virtude do acelerado crescimento populacional e a existência do *cinturão institucional* que inviabilizava o crescimento em malha contínua (FERREIRA, 1995).

Vale ressaltar que as pessoas de baixa renda, que não tinham condições de morar nas áreas mais altas dos sítios urbanos localmente centralizados, onde estava ocorrendo um processo intenso de valorização dos imóveis, foram morar nas áreas de planície de inundação e, com o tempo, a pressão populacional fomentou também a ocupação de setores do próprio cinturão institucional, rompendo o bloqueio da expansão urbana como, por exemplo, os terrenos da UFPA na várzea do Tucunduba, sendo que em parte dessa área se e contra hoje localizado o bairro da Terra Firme.

Segundo Ferreira (1995, p. 50):

A ocupação das baixadas de Belém realizou-se diante da conivência das autoridades públicas disfarçada de omissão. Os crescentes fluxos populacionais que chegavam a Belém e as famílias de baixa renda expulsas

BAIRRO DA TERRA FIRME: OCUPAÇÃO E RESISTÊNCIA

Contexto histórico

O bairro da Terra Firme está localizado na chamada primeira léguas patrimonial do município de Belém, em áreas de baixadas, que passaram a serem ocupadas mais intensamente a partir da década de 1970, em virtude do acelerado crescimento populacional e a existência do *cinturão institucional* que inviabilizava o crescimento da malha contínua (FERREIRA, 1995). Assim, várias pessoas que não tinham condições financeiras de morar nas áreas mais altas da cidade, que passava por uma intensa especulação imobiliária, passaram a morar nas áreas de planícies de inundação.

Na década de 1950, o bairro da Terra Firme comportava 1,16% da população de Belém, as pessoas moravam em condições precárias, assentadas em “barracas” improvisadas, a densidade demográfica era de 39,7 hab/ha, uma das mais baixas de Belém na época. Segundo Penteado (1968), a maneira desordenada com que o bairro foi se constituindo e a ausência de arborização, por exemplo, são elementos fortes de uma certa provisoriedade, com uma tendência ao desaparecimento.

Porém, a previsão de Penteado (1968) não se confirmou, pelo contrário, o bairro da Terra Firme cresceu de forma exponencial. Nesse sentido, o processo de intenso adensamento populacional no bairro da Terra Firme, ocorreu durante as décadas de 1970 e 1980.

Segundo Couto (2008), esse crescimento populacional foi determinado, entre outros fatores, pela valorização do solo no centro da cidade elevando o custo da terra e expulsando muitas famílias do local, maior disponibilidade de terras nas áreas de baixadas, já que não despertava interesse dos especuladores.

Foto 1: Terra Firme em 1965



Fonte: <http://fragmentosdebelem.tumblr.com/search/Terra+Firme>

Na década de 1990, o crescimento populacional no bairro da Terra Firme foi bastante exponencial, chegando em 1991 a 59.231 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representando assim 4,5% da população do setor urbano. Esse crescimento demográfico não veio acompanhado de serviços básicos como saneamento básico, saúde, segurança e outros. As pessoas viviam em moradias precárias com insuficiência ou falta de infraestrutura e regularização fundiária, tendo como consequência múltiplos problemas sociais.

Foto 2: Área de ocupação às margens do Igarapé Tucunduba-Terra Firme

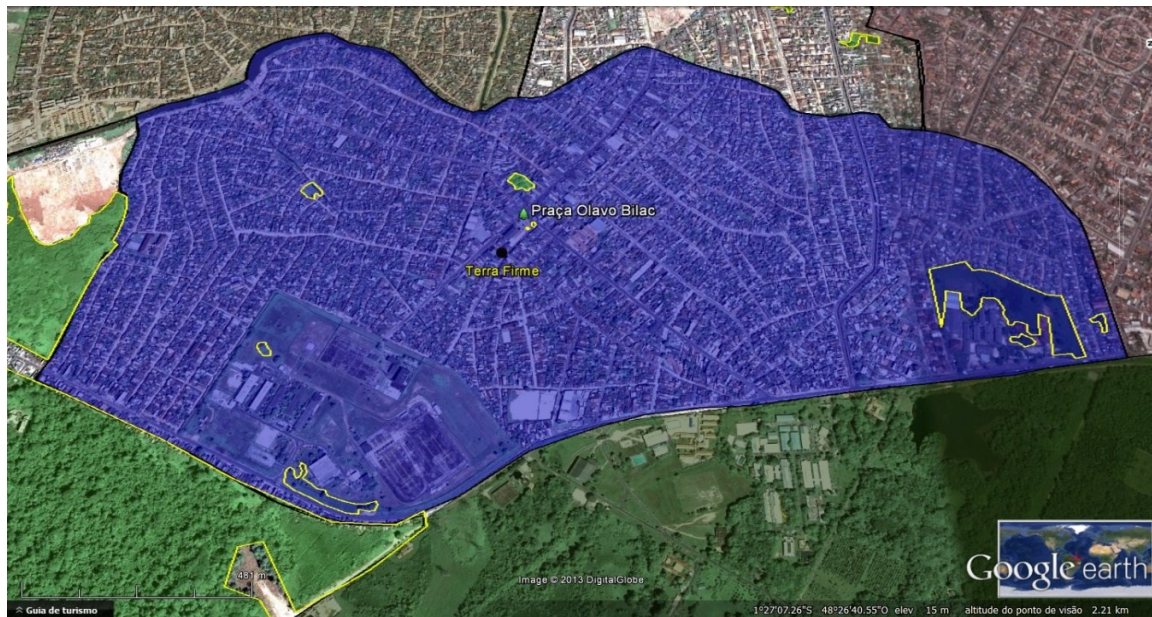


Foto: Dida Sampaio/AE

A Terra Firme na atualidade

O bairro da Terra Firme constitui-se hoje como um dos bairros mais populosos da capital paraense. E segundo o Anuário Estatístico do Município de Belém (2010) possui 63.191 habitantes representando 4% da população de Belém. Ele está localizado entre os bairros do Guamá, Canudos, Marco, Universitário e Curió-Utinga.

Imagem 3: Mapa do bairro da Terra Firme indicando a praça Olavo Bilac



Fonte: <http://geocartografiadigital.blogspot.com.br/2013/08/belem-pa-areas-verdes-no-bairro-da.html>

O crescimento urbano e populacional do bairro da Terra Firme se deu de forma espontânea e problemática, produzindo ampla favelização, com grande poder de atração de imigrantes oriundos do interior do Estado e de outros Estados: “77,2% originários do interior do Estado, destacando-se os municípios de Igarapé Mirí, Castanhal, Muaná, etc., e 22,8% oriundos de outros Estados, basicamente Maranhão” (RODRIGUES, 1996, p. 244).

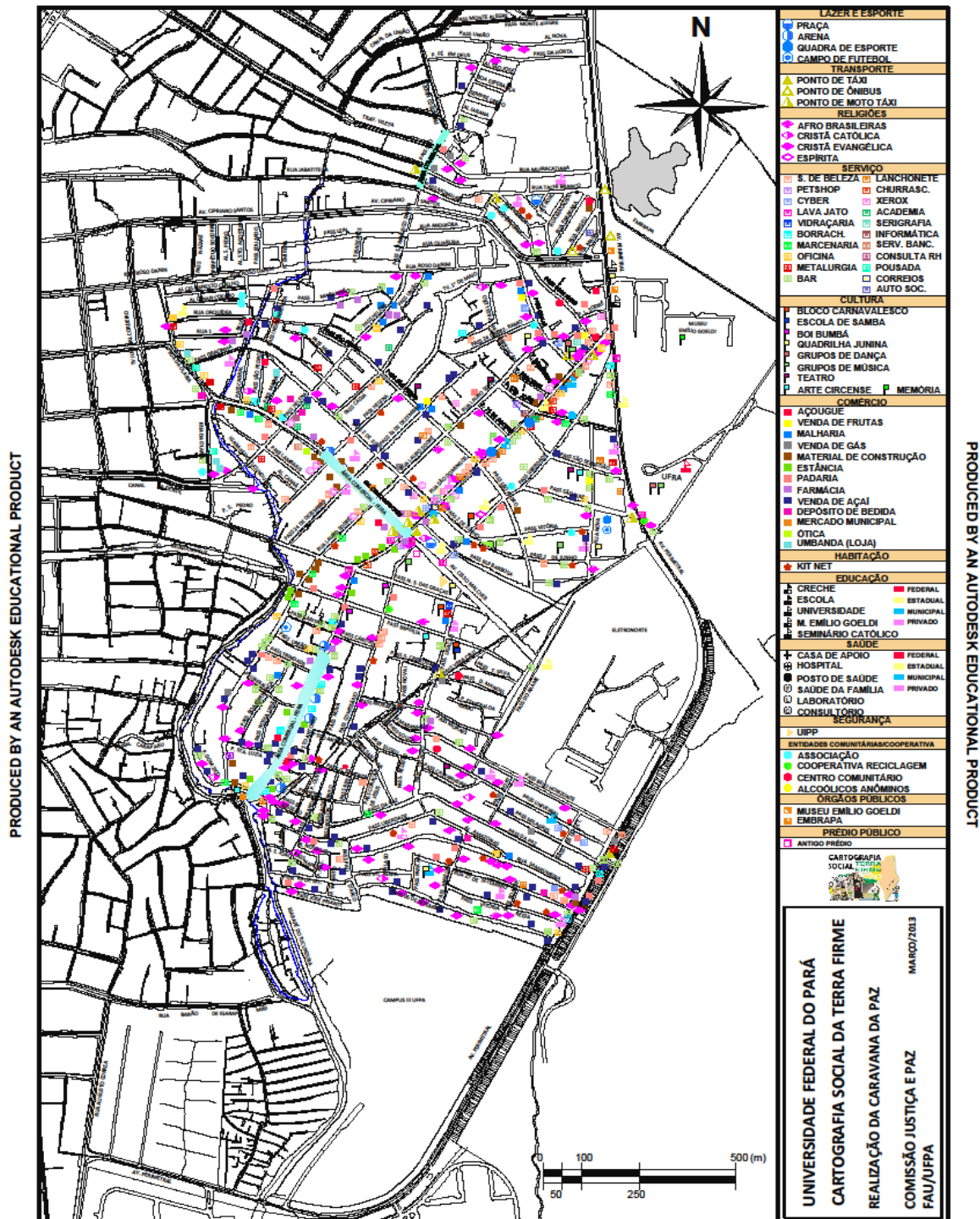
Conforme o levantamento realizado em 2013 intitulado *Cartografia Social do Bairro da Terra Firme*, coordenado pela Caravana da Paz¹ e Comissão Justiça e Paz² da paróquia São Domingos, entidades que tem atuação no bairro, em parceria com a Faculdade

¹Articulação de igrejas cristãs do bairro da Terra Firme que atua no combate a violência, pela cultura de paz e na luta por políticas públicas.

²Pastoral da Igreja Católica que atua na defesa dos direitos humanos e pela ética na política.

de Arquitetura e Urbanismo (FAU), da UFPA, foram mapeados todos os templos religiosos, as áreas e pontos comerciais, as instituições escolares públicas e privadas e as manifestações culturais. O levantamento realizado evidenciou a riqueza e a diversidade existentes nesse território.

Imagem 4: Cartografia social da Terra Firme



Fonte: Comissão Justiça e Paz da Terra Firme, Caravana da Paz e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.

Segundo esta cartografia (2013), no bairro existem 27 escolas entre públicas e privadas, e mais de 128 templos religiosos. No comércio, o destaque é para os mais de 100 pontos de venda de açaí, 3 feiras livres, a principal é a da rua Celso Malcher, que recebe clientes de outros bairros de Belém.

As manifestações culturais são uma marca forte no bairro, pois grupos de teatro, dança de rua, boi-bumbá, blocos carnavalescos, escola de samba e outros ilustram a diversidade existente nesse território. Os espaços de lazer são precários, e existe apenas uma quadra pública municipal, mas que enfrenta problemas sérios de insegurança, transformando-se em ponto de vendas de drogas.

Os espaços escolares da Terra Firme

O bairro possui 13 escolas privadas, sendo duas com ensino básico completo e o restante oferece educação fundamental; sete são as instituições estaduais de ensino: cinco com educação básica completa; além de todas as instituições de ensino citadas, tem-se ainda quatro escolas municipais e uma associação de moradores que atende a educação fundamental I, em regime de convênio municipal e estadual; duas unidades de educação infantil (creche), uma do município e outra privada da associação dos funcionários do Banco do Brasil, que serve a comunidade de baixa renda, na área conhecida como nova Terra Firme, de ocupação mais recente, a zona sul do bairro.

São 27 estabelecimentos de ensino para atender a demanda local. Duas instituições escolares merecem destaques, a escola Brigadeiro Fontenele, hoje com 44 anos de existência, que ganhou o prêmio UNESCO, em 2003, concorrendo com 14 escolas de todo o Brasil, como referência internacional em educação por meio da iniciativa vitoriosa de prevenção e combate à violência escolar. A unidade também é considerada referência no campo esportivo devido às conquistas nos Jogos Estudantis Paraenses (JEPS).

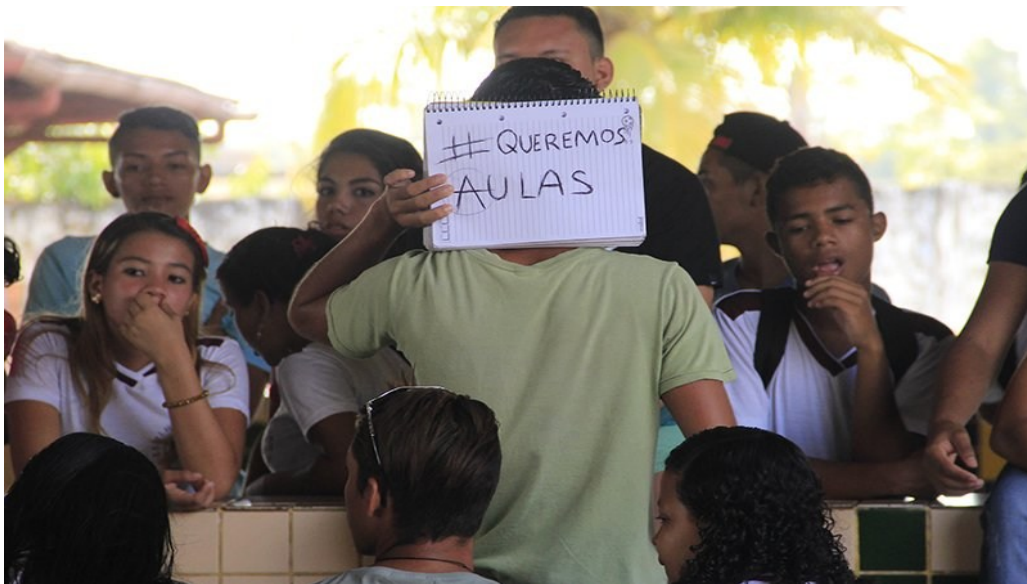
Outra conquista mais recente foi da Escola Estadual Celso Malcher que obteve o melhor índice do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do Estado, em 2014. Mesmo sob argumento oficial que o estado conseguiu atingir a meta a partir do programa estatal *Pacto pela Educação*, educadores da escola, em especial as/os

professoras/es, afirmaram que o mérito foi uma conjunção de elementos protagonizados majoritariamente por professoras/es e estudantes da escola.

Apesar da conquista do IDEB, a Escola Celso Malcher desde sua fundação vem funcionando em espaços provisórios. O primeiro espaço que abrigou a instituição foi um galpão que anteriormente era utilizado como quadra de esporte, em condições precárias de infraestrutura como problemas de ventilação, salas improvisadas e ambiente insalubre.

Após muito luta e mobilização, alugaram o espaço da paróquia São Domingos, também provisório, pois o governo do estado prometeu construir um prédio próprio, até um projeto de uma escola técnica foi apresentado, segundo os dados da pesquisa, a obra foi iniciada na Perimetral, em 2011, mas o governador disse, em 2014, que a empresa não atentou para o problema com o terreno. Até hoje a escola funciona em espaço cedido pela antiga Centrais Elétricas do Pará(CELPA), onde funcionou uma escola de educação infantil.

Foto 3: Ato público – Estudantes da Escola Celso Malcher.



Fonte: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=189418>

Podemos destacar que a comunidade escolar inserida na Terra Firme protagoniza a luta pelo acesso a educação pública de qualidade e demonstra que apesar das dificuldades

enfrentadas pelas precárias condições em vivem, se colocam como parte fundamental no processo de transformação da realidade local.

Terra Firme: espaço de cultura

Uma das marcas da Terra Firme é o movimento cultural no bairro, pois são dezenas de grupos das mais variadas manifestações, por exemplo, as quatro quadrilhas juninas. Destaque para a mais antiga em exercício, Rosa Vermelha, que já foi inúmeras vezes campeã nos concursos juninos do Estado.

A dança é uma marca muito grande na vida do bairro, em especial a dança de rua, que já exportou dançarinos até pra fora do Estado; foi nesse cenário que surgiu um dos primeiros grupo de *hip-hop* em Belém, o Mano da Baixada do Grosso Calibre (MBGC), que foi referência nacional do Norte. Em termo festivos, o bairro conta também com uma escola de samba, Rosas da Terra Firme, um bloco carnavalesco, dois bois-bumbás, Marronzinho e Boi da Terra, grupos de capoeira e artistas circenses. Entretanto, tem-se convicção que há mais grupos culturais no bairro, mas os mencionados são parte significativa do cotidiano dessa periferia, tornando-a mais viva.

Foto 4. Manifestação cultural nas ruas da Terra Firme – Boi Marrozinho



Acervo: Boi Marrozinho

O Comércio na Terra Firme

O comércio é marcado por uma rica diversidade com dezenas de açougues, estâncias que vendem madeira, lojas de material de construção, depósitos de vendas de bebidas, óticas, farmácias que vão além das grandes redes, mas abriga pequenos estruturas de venda de remédio que são bastante procuradas, lojas de material de umbanda, mais de 100 pontos de vendas de açaí, que só fica atrás dos pequenos comércios, as famosas tabernas.

Há no bairro três feiras, sendo a maior delas na avenida Celso Malcher, frequentada por pessoas de outros bairros pelos baixos preços e diversidades de produtos. A feira do Tucunduba é a segunda mais movimentada e fica na zona Sul do bairro, na fronteira com o Guamá.

Foto 5: Feira da Celso Malcher, Terra Firme



Fonte: <http://blogdoiac.blogspot.com.br/>

Serviços

São dezenas os serviços dispostos na Terra Firme: salão de beleza, petshop, cyber, lava-jato, vidraçaria, borracharia, marcenaria, oficina mecânica, metalurgia, bar, lanchonete, churrascaria, xerox, academia de musculação, cursos de informática, serviços bancários (caixa eletrônico e casa lotérica), escritório de consulta em Recursos Humanos, correios (desativado em 2014), auto-socorro. Dos serviços enumerados, os bares, salões de belezas e academias de musculação são em maior número. A Terra Firme não conta com uma agência bancária.

Foto 6: Academia de musculação na avenida Celso Malcher

Fonte: <http://blogdoiac.blogspot.com.br/>

O Transporte público no bairro

São 12 linhas de ônibus, sendo que seis fazem o trajeto até a UFPA e oito vão até o centro. Complementam o sistema de transporte os sete pontos de moto-táxi, uma cooperativa de táxi na praça central e os serviços de transportes alternativos, com as famigeradas *vans* até São Braz.

Por ser uma periferia imediatamente próxima ao centro e abrigar o corredor institucional, há um número expressivo de linhas de ônibus e em menos de 15 minutos os passageiros chegam no bairro de São Braz, onde está localizado a Rodoviária Interestadual e a avenida Almirante Barroso, principal corredor viário de Belém.

Os passageiros da principal linha de ônibus que liga o bairro ao centro, *Canudos-Praça Amazonas*, esperam em média cinco minutos para apanhar a condução. Além do transporte motorizado, a bicicleta é um meio de locomoção para curtas e médias distâncias, tanto para o lazer quanto para o trabalho e o deslocamentos no interior da Terra Firme.

Foto 7: Ônibus Canudos-Praça Amazonas no início da década de 1980



Fonte:

<https://www.facebook.com/nostalgiabelem/photos/a.186456074809796.38125.186453294810074/837704626351601/?type=3&theater>

Equipamentos de Saúde

A Terra Firme conta com um posto de saúde municipal, três casas de apoio do Programa Saúde da Família, nove consultórios médicos e odontológicos privados e um laboratório privado que presta serviço à prefeitura de Belém. O atual posto de saúde, localizado na Passagem São João, zona norte da Terra Firme, foi reformado e readaptado, fruto de uma intensa mobilização da comunidade local, em especial a Caravana da Paz, em parceria com os órgãos de controle e fiscalização como o Ministério Público Estadual, Ministério Público Federal e Ministério da Saúde.

A luta e mobilização por saúde levou a prefeitura de Belém a construir uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), na avenida Perimetral, ao lado do terminal da UFPA, o término da obra estava prevista para abril de 2016, mas ainda continua inacabada. E assim, apesar de toda a luta travada em defesa da saúde pública na Terra Firme, a principal unidade de saúde não faz o procedimento de curativos sob alegação que não tem o material. Além de dois consultórios dentários equipados que contam com os profissionais da área, mas não tem

algumas ferramentas para realizar os procedimentos. Esse problemas persistem desde a última gestão do prefeito Duciomar Costa até o atual mandato do prefeito Zenaldo Coutinho.

Foto 8: Ato em defesa da saúde pública de qualidade no bairro da Terra Firme



Foto: Maiara Maciel.

Templos religiosos

A igreja católica foi a primeira instituição religiosa a se instalar no bairro em meados da década de 1970, e hoje são sete as comunidades católicas; mais de 100 templos de igrejas evangélicas pentecostais, a maioria da Assembleia de Deus e Quadrangular, seguida da Deus é Amor; um pouco mais de 20 espaços de cultos afro-brasileiro e um centro espírita.

Em 2007, uma experiência inovadora reuniu igrejas pentecostais, católica e protestantes e iniciaram a Caravana da Paz, uma articulação que busca a lutar no combate a violência reivindicando a melhoria da qualidade de vida dos moradores da Terra Firme. A iniciativa foi reconhecida por participantes do Congresso Mundial de Teologia, que ocorreu em Belém, no ano de 2009, que visitaram as igrejas componentes da caravana da paz.

No processo de ocupação do bairro, em especial no fim da década de 1970 e metade de dos anos 80, a igreja católica, através da paróquia São Domingos, sob

responsabilidade dos missionários Xaverianos, contribuiu para fortalecer os movimentos sociais em defesa da moradia.

Além dos padres Xaverianos, as irmãs de Jesus, uma congregação de freiras católicas que moravam na Terra Firme, e que tinham como carisma atuar ao lado dos pobres, apoiavam integralmente a luta pela moradia no bairro contribuindo na organização do movimento social local, pois nesse período da década de 1980, a igreja na América Latina estava vivendo intensamente a experiência da Teologia da Libertação, que interpretava o evangelho à luz da realidade na perspectiva da opção preferencial pelos pobres.

Foto 9: Igrejas cristãs na Terra Firme.



Fonte: <http://blogdoiac.blogspot.com.br/>

Entidades comunitárias e cooperativas

As entidades comunitárias no bairro foram fundamentais para o processo de ocupação do solo e a luta pela moradia, principalmente na década de 1980 e início de 1990. O Centro Comunitário Bom Jesus, fundado em 1978, foi uma entidade que serviu de base para assegurar a conquista da terra nessa área de ocupações espontâneas, foi no Bom Jesus que

havia um escritório modelo com vários profissionais do direito, arquitetura e outros ramos do conhecimento.

O centro foi referência na capital e fazia parte da Comissão de Bairros de Belém (CBB), um entidade que reunia representantes de vários centros comunitários da capital que tinha como principal bandeira de luta a moradia.

Atualmente, são sete centros comunitários, 12 associações e uma cooperativa de material reciclado. O papel desempenhado por essas instituições está longe de representar o que foi em outros períodos da história. O que observamos é a partidarização desses espaços e com uma atuação bem limitada, com a realização de festas particulares, velórios e ações assistencialistas.

Foto 10: Centro Comunitário Bom Jesus, espaço de organização na luta pela moradia



Fonte: <http://pontomemoriaterraferme.blogspot.com.br/>

Lazer e esporte

O que não falta é criatividade na ocupação dos espaços públicos, especialmente nas vias de circulação de pessoas, para a prática do lazer na Terra Firme. No período das férias, o céu ganha um colorido especial pelas pipas e papagaios que fazem a alegria da garotada, além da *pelada* no meio da rua.

Uma outra prática de lazer que não deixa dúvida, mesmo frente à carência de espaços especializado para determinadas práticas esportivas, uma vez que alguns terrenos baldios ganham novas funcionalidades, é o salto em altura. A prática é iniciada com os meninos aterrando uma determinada área com serragem; após, eles montam uma espécie de tábua para saltos e realizam vários “saltos mortais”.

Nessa brincadeira, que muitos levam a sério, alguns se tornaram atletas profissionais de saltos ornamentais: a exemplo do atleta Rui Marinho (foto baixo), que defendeu o Brasil nos jogos Panamericanos, de 2009, no México, no saltos ornamentais; e de outros artistas circenses que praticam acrobacias.

Foto 11: Rui Marinho, atleta de saltos ornamentais e jovens praticando saltos na serragem



Fontes: <http://jornalecodebb.blogspot.com.br/2011/10/tem-paraense-saltando-para-guadalajara.html> e <https://www.youtube.com/watch?v=Cku36iEoZ0>

A maioria dos espaços para práticas esportivas são privados, das três quadras existentes, apenas uma é pública e funciona com muita precariedade, pois não há manutenção e algumas pessoas contribuem para a depredação. O bairro tem um campo de futebol, que está sob a responsabilidade da associação de pais e mestres da Terra Firme. São cinco arenas de futebol, todas privadas.

PRAÇA DA TERRA FIRME: LUGAR DE VIVÊNCIAS, CONVIVÊNCIAS, ENCONTROS E DESENCONTROS

Poucos espaços chamam tanta atenção no bairro da Terra Firme quanto a praça Olavo Bilac, que diga-se de passagem, poucos a conhecem pelo nome oficial, chamando-a apenas por “praça da Terra Firme”. Talvez a forma de pronunciar esse espaço público, tendo como sobrenome o nome do bairro já é um indicativo de que esse lugar faz parte do cotidiano e tem uma grande importância para as/os moradoras/es. Assim, destaco que o presente texto busca compreender os grupos e relações cotidianas que delimitam as múltiplas territorialidades existentes no interior da praça Olavo Bilac.

Foto 12: Praça Olavo Bilac, Terra Firme



Fonte: <http://blogdoiac.blogspot.com.br/>

Antes de detalharmos a reflexão acerca da espacialidade da praça, seu uso e formas de apropriação pelas pessoas da Terra Firme, refletiremos a praça em seu aspecto conceitual, considerando-a como espaço público, pois a praça é o lugar intencional do encontro, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária. A praça é considerada desde sempre como âmbito da visibilidade, onde aparecer significa existir na qualidade de ator social.

Segundo as afirmações são ratificadas pela entrevistada referindo-se a praça da Terra Firme:

A praça pra mim, na Terra Firme representa identidade da comunidade, porque, além das questões do comércio, da igreja, ela é também um espaço de sociabilidade, praticamente um dos poucos aqui no bairro da Terra Firme. Então, a juventude se encontra aqui, os adultos, as crianças, e outros grupos sociais, também aqui presente, não tem como desvincular esse caráter identitário da Terra Firme, tanto é que quando a gente fala em Terra Firme lá fora, um dos primeiros pontos de referência é praça, quando não a feira, então é assim, pra mim ela tem todo esse elo, identitário, esse elo de pertencimento, tanto é que pelo menos aqui do bairro da Terra Firme, não é por que eu moro aqui perto, mas é o local digamos, que eu me sinto mais na comunidade, obviamente, não levando em consideração outros aspectos, como por exemplo de exclusões, de falta de outros espaços, mas a praça tem esse caráter de pertencimento, sociabilidade, em fim, é como se de fato eu estivesse dentro da minha própria casa, da minha comunidade, aqui é o espaço onde eu tenho essa vinculação mais próxima, esse local mais de pertencimento mesmo (Lyah, transeunte, entrevistada).

Partindo do pressuposto que a praça é um espaço público, é necessário a análise de tal conceito. Serpa (2013), referindo-se a quem ele considerada uma das filósofas do espaço público, Hannah Arendt, o espaço público seria o lugar da ação política e de expressão de modos de subjetivação não-identitários, em contraponto aos territórios familiares e de identificação comunitária.

Para além de Arendt, Serpa (2013) evidencia as reflexões de J. Habermas sobre como o espaço público é o lugar por excelência do agir comunicacional: o domínio historicamente construído da controvérsia democrática e do uso livre e público da razão.

Para uma compreensão apurada da dinâmica de funcionamento deste lugar, inicia-se com um breve histórico do local onde está localizada a praça Olavo Bilac na Terra Firme. Mediante pesquisa de campo e entrevista com moradores foi possível inferir que local onde encontra-se situada a praça existe desde a década de 1960, e nele funcionava a feira do bairro.

Naquela época, entre as décadas de 1960 e 1970, conforme relatos de Nogueira, administrador da paróquia São Domingos, a praça tinha uma estrutura arquitetônica bem diferente da atual. De acordo com ele, havia uma piscina, sempre vazia, bem no centro, onde os jovens se reuniam no entorno e cada grupo se reunia em lados opostos e faziam uma espécie de disputa de rimas de uma lado e outro; além da turma do violão e da *contação* de história.

A praça também servia como campo de futebol, pois havia gramas em uma determinada área. Mas foi também nesse período, mais ou menos em meados de 1970, que o lugar onde hoje é a praça funcionava a feira da Terra Firme, na Rua São Domingos, esquina com a Avenida Celso Malcher.

Observando a praça na atualidade e refletindo acerca dos depoimentos sobre sua origem, reforça-se a ideia de que é um lugar visto como referência das práticas cotidianas e da manifestação das espontaneidades e da criatividade (SANTOS, 1999). Sendo assim, esse espaço acaba por ser um lugar de referências das práticas do cotidiano, a praça reflete inúmeras iniciativas humanas vistas nos espaços públicos em geral, o lugar do encontro, do protesto, do comércio, da cultura, da arte, do lazer, da fé.

Mas ressalta-se que é um lugar encravado em uma metrópole dentro de um contexto de exclusão, da negação do direito à cidade, em uma periferia urbana, fruto de um processo de ocupação espontânea de pessoas que não tinha condições de ocupar as áreas mais altas da cidade.

Seguindo essa linha de análise, Maricato (2015) destaca que uma proporção maior ou menor da população urbana, dependendo de cada país, é excluída do direito à cidade e do mercado formal capitalista, e busca acesso à moradia por meio de seus próprios e precários recursos.

No entanto, há determinados lugares que, de alguma maneira, subvertem ou questionem as lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano nas metrópoles capitalistas. Nesse caso, *lugares* existem e persistem nas *brechas* metropolitanas, sobretudo nas áreas populares das grandes cidades, a exemplo da praça da Terra Firme, um lugar no qual a comunidade local manifesta sua existências das mais diversas formas de espacialidades (SERPA, 2011).

Quando considera-se o aspecto da espacialidade, tal conceito aparece não apenas como material, concreto e objetivo, mas comporta-se também como a produção de uma subjetividade individual e coletiva, que é a base dos discursos, representações e significados que dão sentido e organizam as relações sociais (RODRIGUES, 2009).

Isso é visível quando observamos a praça e as mais diversas formas de espacialidades no interior daquele espaço. A praça é o lugar do comércio, do encontro, da

arte, do lazer, da fé, da política e fonte de informação sobre fatos repercussivos que acontecem no bairro.

É também, consoante às afirmações de Pereira e Teixeira (2015), fazendo referência à Praça Brasil de Imperatriz, o local do extraordinário, do medo da violência, das manifestações públicas que pautam determinadas causas do bairro em especial a luta contra a violência urbana que vitimas tantos jovens da periferia vítimas de execuções.

Este último ponto merecerá um destaque especial por tratar-se de uma área que estou engajado desde a adolescência e por dialogar com a proposta do curso de especialização em educação em direitos humanos, uma vez que farei uso de imagens como recurso na produção do conhecimento antropológico, no e do mundo contemporâneo, não apenas como tratamento documental das ambiências que configuram a fisionomia de uma cidade no tempo em que se processa a elaboração de uma história oficial, mas também como instrumento de produção de um sentido comum a respeito da vida urbana, a partir do registro de enunciações banais e ordinárias de seus habitantes (RANCIÈRE, 2005; ROCHA; ECKERT, 2010 e ROCHA; ECKERT, 2016). A seguir, abordarei alguns desses aspectos que são elementos identitários da praça da Terra Firme.

A PRAÇA DA TERRA FIRME E SEU COMÉRCIO PARTICULAR

O local onde atualmente a praça está localizada, no passado, funcionava a feira da Terra Firme. Esta foi expandindo-se na Celso Malcher, no sentido São Braz, e a praça foi aos poucos ganhando outros contornos; mas as atividades comerciais permaneceram até hoje.

Segundo Nogueira, administrador do local, contabilizava pelo menos 42 vendedores no interior da praça esse ano. O local foi cercado, no ano de 2004, o que facilitou no controle do número de ambulantes, cada vendedor paga uma taxa para a igreja católica, proprietária legal do terreno que abriga a praça.

Mesmo exercendo especificamente a função de vendedores ambulantes, os relatos das/os interlocutoras/os vão no sentido de reconhecer a praça como além do seu “ganha pão”, mas perceber que trata-se de um lugar particular no interior do bairro; é também visto como patrimônio, conforme afirmou uma vendedora que trabalha há 32 anos na praça:

Essa praça pra mim é muito importante, em primeiro lugar é de onde eu tiro minha alimentação, é um patrimônio histórico daqui, onde as pessoas vem brincar, karater...A praça é um patrimônio histórico da nossa Terra Firme(...) (vendedora ambulante da praça da Terra Firme, entrevistada em 26/06/2016).

Além de abrigar 42 vendedores ambulantes no interior da praça, a calçada do entorno é tomada também por comerciantes, alguns começaram a vender dentro da praça, porém, não deixam de reconhecer a importância do lugar:

Eu tava lá dentro, aí teve que pagar uma taxa lá dentro, e tava muito cheio e resolvi vim pra cá pra fora, ele não botou a gente pra fora não (...) 25 anos (trabalhando na praça), no início só era eu que trabalhava aí, eu tinha vergonha, o pessoal passava pra trabalhar, só eu, trabalhava no rumo que tá aquela menina de amarelo, tinha uma árvore bem lá, eu trabalhava debaixo da árvore, sozinho, e...todo mundo passava pra trabalhar eu tava lá, eu ficava com vergonha de tá lá (risos)..Era muito boa a venda, tinha pouca gente, agora minou de vendedor, ficou mais difícil a situação, mais difícil agora (...) pra mim (a praça) representa um local de bênção porque é daqui que eu ganho o sustento pros meus filhos, tem dia que dá, que dia que não dá, assim a gente leva a vida (a praça) tinha um banquinho ali perto da árvore, depois modificaram, já reformaram ela duas vezes depois que eu vim pra cá (vendedor da calçada entorno da praça, entrevistada em 26/06/2016).

Foto 13: Pontos de vendas na praça



Fonte: <http://pontomemoriaterraфирme.blogspot.com.br/>

A PRAÇA DA ARTE

Conforma análise anterior, o bairro da Terra Firme carece de espaço para apresentação das diversas manifestações artísticas do bairro, apesar da limitação de uso, pois a noite, durante a missa, de 19h às 20h30, atividades artísticas que dependem de sonorização não podem se apresentar, somente antes ou depois do horário.

Apesar da limitação do horário, a praça é considerada o principal palco para exibição das mais várias formas de apresentações. Foi nesse espaço que iniciou os grupos de *hip-hop* na Terra Firme, que passaram a ser uma referência em Belém e em nível nacional. O principal grupo que surgiu nessa época foi o Manos da Baixada do Grosso Calibre (MBGC), e o depoimento a seguir revela o que esse lugar representa para as mais variadas formas da cultura local:

A praça, desde quando você vai crescendo, adolescente, você vai começando a chegar na praça, vendo a referência de amigos, e pra mim a praça representa a união de culturas, tipo a arte que eu passava como adolescente e via a galera da capoeira, via fazendo alguns shows e de repente eu encontro uma galera que sabe cantar, e rimar, e aí naquela época (metade da década de 1990) a galera escutando rap, primeira vez chegando em Belém, há vinte anos atrás, 1995/1996, e aí começamos a se encontrar, pra buscar informação do que a gente tá começando a escutar, todo mundo adolescente, 17 anos, naquela época, aí começamos a escutar e fomos atrás, pesquisamos, vimos que não era só cantar, dançar, e escutar música, na época era o rap né...Aí agente começou a se reunir aqui na praça, botava o som a noite, durante o dia a gente dá uma estudada, ver o que era o movimento, e descobrimos que era também político, social, que buscava melhoria para a comunidade, pro seus amigos, a união né, poderíamos nos defender da violência da polícia, da periferia, das drogas, com informação a agente não ia cair tão fácil nessas coisas (...) a praça foi onde literalmente foi palco, fizemos vários shows, também a praça aqui foi onde tudo começou, onde todo mundo se encontrava, e aí, vamos fazer alguma coisa? Bora lá na praça, qualquer coisa a gente reunia na praça, até que a gente começou a pegar a idéia de ver um espaço num dia que não chova, o Bom Jesus, centro Bom Jesus e fumos pra lá, mas a noite sempre tava aqui na praça, e a praça é uma referência né, o edifício que da vez que tava fazendo a obra, cercando a praça, , “pou”, é um lugar onde a cultura prevalece, se expõem, dez horas tinha que tá fechado, ir embora todo mundo pra casa porque a praça era fechada, mas é a galera cresceu né, madureceu, e sempre se encontra na praça, uns vão, a gente passou essa época de adolescente, mas tem outros adolescente que chegam hoje, não com a mesma referência musical, cultural, mas sempre vem pra praça, porque é o centro do bairro da Terra Firme, hoje a gente só passa e observa né, já passamos dessa fase aí, de tá se encontrando na praça, só mesmo de passagem, mas é uma referência na nossa vida, a praça Olavo Bilac que a gente nem conhecia o nome, só sabia que era praça da Terra

Firme, mas é aonde a capoeira, o pessoal do pagode, o pessoal da juventude do PT se encontrava pra fazer as reuniões, mas e aí essa galera foi vendo os públicos se reunindo né, o hip-hop, o break, fazendo grafite aí, a gente chegou fazer alguns grafites nesse muro da igreja, e começam a colar, e aí essa união gerou frutos como o pré-grito dos excluídos da juventude em 1999, de 99 fizemos vários anos, uns cinco deis anos assim, direto até...a galera busca outros meios de fazer sua militância, e não parou né, foi muito bacana, a acho que até hoje todo mundo continua e outras pessoas entraram na ideia, tanto que até hoje tem muitos movimentos que podem fazer a diferença a praça(MC RG, 26/06/2016)

Foto 14: Apresentação de grupo de *hip-hop* na praça



Fonte: Comissão Justiça e Paz – Terra Firme

A POLÍTICA NA PRAÇA

A praça é espaço, entre tantas lutas, de debate sobre a conjuntura local e também palco para reflexões em período eleitoral no sentido de refletir as reais necessidades da comunidade e cobrar dos eleitos. No ano de 2014, a Comissão Justiça e Paz, da paróquia São Domingos, organizou uma atividade denominada de Papo Reto, com o objetivo de levar candidatos das mais variadas agremiações partidárias para responderem às perguntas do público.

Além dessa iniciativa, foi na Praça da Terra Firme, em 1999, que ocorreu o primeiro Pré-Grito dos Excluídos do Brasil – atividade que antecedeu uma ação que acontece

em todo o Brasil, no dia 7 de setembro – abordando temáticas que consideravam a conjuntura política nacional à época; organizada por várias entidades da sociedade civil. O ato ocorria geralmente na data anterior ao Grito e várias entidades da sociedade civil local participava do processo de organização.

Foto 15: Papo Reto, roda de conversa com candidatos das eleições de 2014



Fonte: Comissão Justiça e Paz – Terra Firme

Foto 16: Ato publico simbolizando o “enterro” do estado nas áreas da saúde, educação e segurança



Fonte: Caravana da Paz – Terra Firme

Foto 17: Grito dos Excluídos na praça da Terra Firme em 2009



Fonte: Comissão Justiça e Paz – Terra Firme

PRAÇA DA TERRA FIRME, O PALCO DA VIDA E EM DEFESA DA VIDA

No decorrer do trabalho procurou-se apresentar um espaço público, a praça da Terra Firme, que exercer um papel significativo em um bairro da periferia de Belém, a Terra Firme; que abriga mais de 25% de jovens (de 15 a 29 anos), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Este é o grande público que frequenta a praça e vive os dilemas do dia a dia enfrentados pela juventude, em especial os jovens de baixa renda, que moram nas periferias dos grandes centros urbanos. Conforme demonstra na letra de música de um grupo de rap do bairro:

Pelo vale da sombra da morte Deus me guia,

Subúrbio, favela, baixada, periferia.

Aqui nós negros somos a maioria

Ruas de terra, casa, ponte de madeira

Esgoto a céu aberto, o futuro da Terra Firme é muito incerto

Música: Dias Melhores

Autor: MBGC, 1999

Atualmente, o bairro da Terra Firme não desponta entre os mais perigosos da capital, segundo fontes da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará, mas assaltos ocorrem com uma certa frequência e um dos alvos dos assaltantes é a própria praça, é interessante o relato do pároco da paróquia São Domingos, Pe. Djalma:

(A praça) um desafio muito grande, porque eu queria que ela fosse uma praça melhor, por enquanto tá sendo uma praça que não tá sendo um lugar de encontro, lugar das pessoas se encontrarem, falarem, nem nada, sobre tudo às vezes quando tem assalto, piorou as coisas

Ainda sobre os assaltos praticados na praça, um jovem, membro da pastoral da igreja católica do bairro, e frequentador assíduo do lugar, reafirma a tendência de assaltos na praça:

A praça representa o lugar de lazer, que deveria ser aqui da comunidade da Terra Firme, mas como nós vivemos hoje, tá se tornando um local de insegurança, devido a muitos assaltos, muitas coisas de delito, eu sei disso porque faço parte da pastoral e convivo aqui na igreja e todo dia vendo assaltos e a falta de policiamento(Lenon Igor, 18).

Os assaltos não são os únicos eventos de violência que fazem parte da realidade da Terra Firme, uma vez que dezenas de homicídios ocorreram no intervalo de 10 anos no bairro após levantamento feito em pesquisa de jornais impressos locais, alguns com características de execução.

O caso mais simbólico foi chacina de 04 e 05 novembro de 2014, quando 11 pessoas foram mortas, depois que um policial militar no bairro do Guamá foi morto, na fronteira com a Terra Firme. A partir desse evento, o maior número de vítimas foram executadas na Terra Firme, quatro no total. Entre os mortos, um adolescente de 16 anos, Eduardo Chaves, morador da Passagem Ligação e frequentador da praça da Terra Firme, sendo que a vítima estudou na escola Celso Malcher que funcionava no salão paroquial em frente a praça.

Foto 18: Auxiliadora, avó de Eduardo, uma das vítimas da chacina de Belém



Foto: Dida Sampaio/AE

Após episódio da chacina ocorrida em 2014, a Praça da Terra Firme foi palco de diversas manifestações contra o extermínio de jovens, dentre elas uma vigília pelas vítimas da chacina, caminhadas contra o extermínio de jovens negros da periferia e um ato após oito meses do episódio.

Foto 19: Ato na praça de 4 meses após a chacina de Belém



Fonte: Comissão Justiça e Paz – Terra Firme

Imagem 5. Chamada para o Ato contra o extermínio de jovens negros na praça



Foto 20: Ato na praça contra o extermínio de jovens durante o Fórum Social Mundial, 2009



Antes do episódio da chacina, a praça como vimos anteriormente, foi lugar de reivindicações das mais variadas pautas como o combate a intolerância religiosa, violência contra a mulher, melhorias na área da segurança pública, cobrança do poder público pela melhoria na saúde, saneamento, e em especial, a conclusão da segunda etapa da obra de macrodrenagem da bacia do Tucunduba, que se arrasta desde 2007.

Na sua origem, a Terra Firme foi ocupada por um povo que necessitava de um pedaço de chão para morar, pois a parte alta da cidade não comportava a massa pobre da capital, em especial os que se aventuraram de outros municípios; bem como os migrantes de outros estados do Brasil.

Para garantir o pedaço de terra, a comunidade se organizou pela titulação da área. Após essa etapa, outras bandeiras fizeram parte da história de luta desse povo: água encanada, pavimentação de ruas, escolas, postos de saúde, segurança pública e tantas outras pautas necessárias para garantir o *direito à cidade* que infelizmente não é o privilégio da maioria que ocupam os espaços segregados das grandes cidades. Nesse sentido, a praça foi o lugar onde os clamores da comunidade local foram expostos na esperança da construção de um bairro melhor para se viver.

CONCLUSÃO

Aparentemente a praça parecia um simples lugar de circulação de pessoas, onde acontecem algumas atividades organizadas por moradores e pessoas de outras partes da cidade. Porém, na verdade constatou-se, a partir do levantamento para este trabalho, que se trata de um espaço público: o lugar da ação política, da sociabilidade, do encontro, um lugar visto como referência das práticas cotidianas e da manifestação das espontaneidades e da criatividade.

Pode-se atribuir à Praça da Terra Firme o *status* de lugar democrático, que reflete a síntese da realidade em que ela está inserida, em um bairro da periferia de Belém, frequentada pela diversidade de um povo que mora em uma realidade na qual os serviços básicos são precários, mas que também aparece com um lugar onde as variadas e ricas manifestações culturais e artísticas irrompem e converte-se em espaço de esperança para aquelas/es que perderam seus filhos vítimas da violência, por exemplo.

A Praça da Terra Firme tornou-se referência para grupos de outras localidades, pois alguns eventos como a *Marcha da Periferia*, o *Dia Internacional da Mulher* e as ações do *Fórum Social Mundial* tinham um alcance para além da Terra Firme; como o Fórum Social Mundial, um evento internacional.

Esta pesquisa contribuiu para desvendar a diversidade deste lugar e mostrar a necessidade de analisar os espaços públicos na periferia, pois há determinados lugares, que de alguma maneira, subvertem ou questionam as lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano nas metrópoles capitalistas. Nesse caso, *lugares* existem e persistem nas *brechas* metropolitanas, sobretudo nas áreas populares das grandes cidades (SERPA, 2011). Portanto, a Praça da Terra Firme seria um lugar que subverte essa lógica hegemônica a partir da forma como ocorre a cotidianidade, um espaço vivido, *o palco dos encontros e dos desencontros*.

REFERÊNCIAS

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. **A Geografia do crime na metrópole: da economia do narcotráfico à territorialização perversa em uma área de baixada de Belém**. Belém. – NAEA/UFPA, 2008.

FERREIRA, CarmenaFadul. **Produção do Espaço Urbano de Belém e degradação ambiental: Um estudo sobre a várzea do Tucunduba (Belém-PA)**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Pulo, 1995.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. 1ª Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Apropriação do Espaço Público: Alguns conceitos**. UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém: Estudo de Geomorfologia Urbana**. Belém. Editora UFPA, 2 volume. 1968.

PEREIRA, Jesus Marmanillo; TEXEIRA, Natalia Mendes. Uma Praça chamada Brasil: cotidiano urbano imperatrizense nos territórios da Praça. In: **Revista Eletrônica Visagem**, v. 1, n. 2, julho/dezembro 2015, p. 215-234.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. In: **RUA**, n. 16, v. 1, 2010, p. 121-146.

_____. Antropologia em outras linguagens: Considerações para uma etnografia hipertextual estudos de etnografias da duração. In: RBCS, v. 31, n. 90, 2016, p. 71-84.

RODRIGUES, Glauco Bruce, Quando a política encontra a cultura: A Cidade vista (e apropriada) pelo Movimento Hip-Hop. In: **CIDADES**: Revista científica / Grupo de Estudos Urbanos. – Vol. 1, n. 1, 2004 – Presidente Prudente: Expressão Popular.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

SERPA, Angelo. **Lugar e Mídia**. – São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. – São Paulo: Contexto, 2013

TRINDADE JR, Saint Clair Cordeiro da. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. NAEA/ UFPA, Belém, 1997.